

GLAUCO MATTOSO E A “ESTÉTICA DO PÉ SUJO” EM *MANUAL DO
PODÓLATRA AMADOR*

Ana Paula Aparecida Caixeta*

Wilton Barroso Filho**

Resumo: O texto aqui exposto propõe um estudo estético da obra *Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*, de Glauco Mattoso, partindo da idéia fixa do autor: o desejo por pés masculinos. Pensando nas incomuns características literárias de Mattoso e a transgressão que este propõe ao universo acadêmico, faz-se necessário um estudo que desvende os elementos formais desta obra, constituintes de uma estética singular, provinda de seu fetiche. Basicamente sustentado pela tese do autor, este artigo vem apresentar o que denominamos de “estética do pé sujo”.

Palavras-chave: *pés, transgressão, estética, fetiche.*

Glauco Mattoso¹, criador do Jornal Dobrabil, vem construindo uma vasta obra literária desde 1970. Atualmente é o maior sonetista de todos os tempos e entre contos e sonetos, despeja nas palavras sua angústia e revolta causadas pela cegueira. Seu nome é proveniente do seu autoescárnio, reflexo de sua condição de cego – devido a um glaucoma congênito. Pedro José Ferreira da Silva, paulistano nascido em 1951, intitulado como “poeta maldito”, o novo “boca do inferno”, é descendente literário de Gregório de Matos e Manuel du Bocage e se destaca por sua escrita escarnekedora e crua, expositora de suas sensações. Isso o permite moldar uma estética singular, própria, que tece seus textos e caracteriza sua obra.

A partir da “apreciação estética de obras de arte individuais e no conhecimento das circunstâncias históricas que condicionam a obra de arte externamente” segundo

* Ana Paula Aparecida Caixeta é mestranda em Literatura e Práticas Sociais pela UnB. Este artigo é um desdobramento da dissertação de Mestrado em andamento, orientada pelo Prof. Dr. Wilton Barroso Filho.

** Wilton Barroso Filho é Professor Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris-VII e Professor titular do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília - PPGL, UnB.

¹ A partir de agora, no decorrer do trabalho, Glauco Mattoso será citado, em alguns momentos, como GM, bem como *Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*, como *Manual*.

Hegel, em *Cursos de Estética I* (2001, p. 44), é possível reconhecer a obra de Glauco Mattoso no campo artístico literário.

Para isso, é necessário buscar elementos que formam e completam a obra do autor, levando a uma construção estética particular. De acordo com o filósofo, isso é possível por se tratar “de uma apreciação que é feita com espírito e senso, apoiada em conhecimentos históricos, que por si mesmos permitem penetrar em toda a individualidade de uma obra de arte.” (HEGEL, 2001, p. 44)

Pode-se observar, na obra desse artista, características que se fazem presentes na linguagem por ele utilizada, seja em prosa ou verso, construindo um modo particular de olhar o mundo a partir de suas sensações. Destas sensações, Glauco expõe, sem receio algum e com deboche, a cegueira e o fetiche: ambas o levam ao sadismo ao masoquismo comum em seus textos. Em praticamente todo o livro há a presença forte de situações de humilhação e degradação, com um viés erótico, sofridas ou desejadas pelo narrador:

... a lambida, quando dada diretamente sobre a pele, já é uma carícia oral, um gesto erótico, que implica o prazer físico de pelo menos uma das partes – ao passo que a idéia que se quer habitualmente passar é antes de tudo ética: a bajulação, o servilismo, a renúncia à dignidade.(...) Um rosto no chão, uma boca num pé, uma língua numa sola é algo que estimula o sadismo e o masoquismo, o fetichismo, o voyeurismo, o onanismo. É um ato sexual. Pelo menos pra mim. (MATTOSO, 2006, p.96)

A necessidade em desvendar os critérios de uma estética glaucomattosiana² veio à tona a partir do momento em que identificamos características singulares na escrita deste autor, provinda, basicamente, dos condicionantes mencionados acima e a licenciosidade: tudo isto apresentado com uma linguagem escarnecedora, que se faz presente por meio da coprofagia – releitura escatológica da antropofagia oswaldiana. Mattoso diz “Fiz a apologia da merda em prosa & verso, de cabo a rabo (...) Se no meio dos poucos bons tem tanta gente fazendo merda e se autopromovendo ou sendo promovida, por que eu não posso fazer a dita propriamente dita e justificá-la?” Essa justificativa, para ele, é a coprofagia: “uma reciclagem dos detritos e dejetos dessa digestão”, ou seja, da antropofagia oswaldiana. (2006, pp.143-144)

Por meio da coprofagia, Glauco Mattoso vai ao sub-humano ou, como ele mesmo comenta: o desumano, o excretado, o excluído. Ele recupera aquilo que é

² *Glaucomattosiano* é o termo aqui escolhido para nomear a obra do autor a fim de diferenciá-lo de “mattosiano”, termo já utilizado para obras de Mattoso Câmara. Pensando nos seguintes aspectos: Glauco Mattoso é glaucomatoso - portador de glaucoma; Glauco Mattoso, autoescárnio de Pedro José - os dois “t” incorporam a proposta do autor em reforçar sua descendência literária com Gregório de Mattos; logo, *glaucomattosiano* – adjetivo que, para nós, representa fielmente o trocadilho.

simplesmente negligenciado no contexto social, literário e artístico. O que ele chama de coprofagia é um resgate de leituras, articuladas por sua memória e expulsas por suas palavras. O poeta aprofunda-se numa estética que se apropria deliberadamente de outros textos. Essa postura paródica é utilizada pelo autor em, praticamente, todos os seus trabalhos, desde os romances, ensaios ou sonetos. E diz “Em terra de leigo, original é quem plagia primeiro.” (MATTOSO, 2006, p. 143)

Nessa temática, Mattoso não parte do humano para chegar aos excrementos. Ele inicia a partir dos excrementos para chegar ao humano. É como se ele começasse por baixo propositalmente a fim de desvendar o lado oculto e inimaginável do ser. E comenta: “Pessoalmente, sempre tive os pés no chão e nunca senti tesão por anjo. Quero aquilo que existe e acontece. Desejo pôr a cara nos pés de quem os tem no chão.” (2006, p. 73).

O gosto de Glauco Mattoso é mais fino que a própria estética. Isso leva a uma concepção erudita que consolida seu fetiche como uma percepção particular, sendo possível caracterizá-lo como produtor de uma estética singular.

Esse artista converte suas sensações em escárnio, debochando de si e de todos a fim de ganhar força para deblaterar contra sua condição humana. A ironia crua está acionada em seus textos formando uma linguagem própria, provinda dessa condição.

Assim, o riso escarnecedor, libertador, ganha seus textos como representação de uma manifestação estética.

A própria narrativa de GM tem um gesto estético. Qual é o gesto presente nele? Essa pergunta é fundamental para que se chegue à paideia glaucomattosiana.

Obras que possuem uma mesma estética chegam a um mesmo resultado. O autor, ao ampliar sua obra, vai se enquadrando numa estética criada por ele. Seu trabalho começa a tomar uma forma. Cabe aqui desvendar qual é a forma moldada por Glauco Mattoso, a partir dos estudos sobre o *Manual do podólatra amador*.

O período clássico tinha a arte como uma representação da realidade. Hegel discorda disso e vem dizer que a arte não é cópia da realidade e sim, uma outra realidade. Nesse contexto, podemos trazer a criação artística como um meio de possibilidades. Fazendo um diálogo com Milan Kundera em que ele aponta os “egos experimentais”, pode-se perceber que seriam estes as possibilidades que vão além da vida real, criadas pelo artista.

Glauco Mattoso tem em sua obra a presença nítida (ou não) de fatos da vida real. O autor joga com a realidade e a ficção fazendo com que o leitor se perca nessa

brincadeira sem conseguir distinguir uma da outra. A obra fala por si só, porém, o autor a carrega de ações que zombam da realidade e chocam o leitor. Aproximar-se da realidade é pensar o real, a vida, o cotidiano. Até que ponto podemos acreditar na veracidade destes fatos narrados?

Um romance autobiográfico, que, antes de ser autobiográfico, é um romance, traz em si uma outra realidade, a possibilidade da obra de arte. A autobiografia aponta para a realidade do autor, mas está no limbo entre ficção e realidade.

O romance de Glauco Mattoso traz uma nova realidade por meio do gesto artístico. E nesse contexto, ele é transformador.

Podólatra, homossexual e literato, GM transpõe as palavras e se manifesta como ser verdadeiramente possuidor de desejos, suscetível às ações reais que chocam e rotulam, mas que devem ser assumidas sem restrições. É nesse sentido que o escritor compõe, ele próprio, um painel formado por autores ditos antipadrões. Escritores cuja arte se abre e aborta os sentimentos antes ignorados e trancafiados pelos apelos morais.

Seguindo essas primícias, é possível entender que a obra *Manual do podólatra amador* é uma amostra da literatura que caminha em um universo “à parte” e que compõe, a partir das sensações do autor, uma estética própria: a “estética do pé sujo”.

Mas o que é estética?

A pessoa tem a necessidade de sentir: a vida, as coisas, as pessoas, a natureza, o mundo. A procura de uma definição para o “sentir” é fruto da racionalidade. É inerente a pessoa a reflexão e tendência ao domínio de tudo. Pensar invoca soberania. Mas como pensar a sensação?

Refletir sobre algo tão abstrato e envolvente não é simples. Os estudos estéticos, desde a antiguidade clássica, buscavam um conceito que os definissem e enquadrassem a visão estética na possibilidade de universalizá-la. Primeiramente chamada Estudo do Belo, a partir da Idade Moderna, essa discussão passa a ser entendida como estudo da Estética. Isso ocorre logo após a concepção de uma visão racionalista que possibilitou se pensar a sensação em contexto com o mundo. Dessa nova abertura filosófica, a Estética foi sendo melhor interpretada, tornando-se assunto de devida importância para a Filosofia.

Antes de ser Estética, é importante lembrar que essa “sensação” era conceitualizada como algo idealizado e espelhado, denominado Belo. Este Belo estava acima da razão humana, sendo apenas um modelo de comparação para definição daquilo que o mundo continha: natureza, humanidade e suas criações. Têm-se, nesse

contexto, uma perspectiva que, aparentemente, exclui o envolvimento do ser com o mundo e, em busca de uma idéia, recorre a parâmetros inalcançáveis, divinos.

Em contrapartida, têm-se um pensamento mais racional, humano, que, em milênios atrás, definia esse Belo como algo mais abrangente, abarcador das sensações diversas, porém, pensado metricamente. Apesar de restrita, atribuindo ao objeto a condição estética, que, por sua vez, deveria estar dentro de padrões predefinidos, essa concepção conseguia pensar além do Belo em si. Ela levantava questões importantes, inerentes à sensação, que envolviam outras perspectivas estéticas: o feio, o risível, o trágico.

A Estética foi ganhando espaço, e durante longa data, tornou-se fonte de discussão entre filósofos. Nesse contexto, diversos pensadores trouxeram noções mais profundas e, ao mesmo tempo, sutis que, expunham as sensações humanas a partir da relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Sentir é viver. A Estética é fruto desse sentir. É possível, a partir dela, entender o ser e suas ações. Se não, ao menos chegar próximo daquilo que fecunda as relações humanas em contextos inesgotáveis. Representada pela arte, é ela que possibilita desvendar aquilo que, moralmente, é ocultado.

Como é sabido, a Arte é a representação da manifestação estética. Por meio dela, o ser passou a expressar o que há de mais íntimo e inenarrável. Nessa perspectiva, ela consegue ultrapassar o tempo e evocar a história, contextualizando a vida. Somente pela Arte, a humanidade dialoga com o tempo e o espaço, quebrando as barreiras convencionais, transformando o homem a partir da Estética.

Entendendo, pois, o que é estética, podemos, então, evocar nosso objeto de estudo: o romance autobiográfico de Glauco Mattoso, intitulado *Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*.

Este livro foi publicado, pela primeira vez, em 1986. Trata-se de uma narrativa autobiográfica e também fictícia, em que Glauco Mattoso nos conta as suas “aventuras” sexuais. É preciso esclarecer que parte dessas “aventuras” será apresentada como tortura e violência sexual, muitas vezes sem o consentimento do relator (dizemos “sem o consentimento” porque, no decorrer do texto, Mattoso deseja a violência, a humilhação e se imagina no lugar de torturados).

Trabalhamos, especificamente com a 2ª edição publicada em 2006. Esta nova publicação vem acrescida de alguns trechos e mais um capítulo final.

O interesse em trabalhar com este título surgiu a partir do momento em que foi possível perceber que este romance ainda é mal digerido, pouco estudado e rotulado como “a autobiografia de Glauco Mattoso”. Porém é nítida a opção do autor em não se fixar em uma só categoria literária, passeando por outros gêneros e dificultando, à primeira vista, uma percepção mais clara dos caminhos traçados por ele. Isso já é suficiente para se ter em mente que esse texto não é puramente autobiográfico, tendo nítidas características ditas pós-modernas, como consta:

...a podolatria, elevada à categoria de transgressão dos padrões sexuais, acaba convertendo (ou pervertendo, ou subvertendo) a experiência erótica em experimentação estética, e portanto um texto que bagunça com os gêneros gramático-sexuais fatalmente bagunçaria também o gênero literário, sendo, destarte, pós-moderno por definição. (MATTOSO, 2006, p. 244)

Glauco comenta, na página 162, a dificuldade (na verdade, o medo) em produzir um romance ou memória. Essa afirmação dada por ele no *Manual* é uma forma de dizer que sua escrita não seria propícia para este ou aquele estilo, cabendo ao próprio texto ir moldando seu formato e brincando com os gêneros.

A paródia, característica forte dos textos de Mattoso, é a principal articuladora dessa obra, ironizando manuais sexológicos, romances e textos memorialísticos. Isso é possível de ser compreendido na medida em que o autor vai revelando sua tara com uma mistura de verdade e ficção, encaixando suas palavras em meio à intertextualidade.

O texto começa com definições, apresentações, justificativas. Glauco expõe sua necessidade de “explicação” de termos e origens, comparação com outros autores, incluindo citações de clássicos a textos apócrifos – sempre com um teor paródico.

Entre “confissões” (reais e/ou fictícias) o autor tece o texto em meio a pausas, para citar outros textos, referenciar e credibilizar seus relatos. É como se as citações fossem um “referencial teórico” que legitima a obra, dando à narrativa uma característica de tese. E diz: “Para consumo menos sofisticado que o paladar acadêmico-literário, esboço minha própria tese, que deixa de lado a expressão poética pra se ater ao mero mérito da questão.” (2006, p. 247)

O autor quebra a linearidade do texto, indo e voltando em fatos e personagens. Em algumas partes, Mattoso retoma cenas ou as reconstrói, possibilitando a realização de novas ações, dando ao narrador o poder de modificar seu real destino por meio da palavra. E nesse contexto se percebe a astúcia do autor ao reformular suas lembranças a partir de seus desejos.

Em quase toda a obra, o autor se apoia ao repertório literário que adquiriu, fazendo da intertextualidade um diálogo entre grandes literatos, a partir dos reflexos de sua memória. No decorrer do texto, na medida em que GM vai publicando e ganhando espaço como escritor, esse diálogo literário passa a ser feito com suas próprias publicações, tecendo uma rede temática que se aproxima da literatura sadomasoquista, pornográfica e escarnecedora, justificada e colaborada com suas próprias produções. Ele começa citando outros para depois citar a si mesmo. E brinca: “De tanto citar nomes famosos, acabei citado entre eles.” (2006, p. 139)

A temática utilizada pelo autor é, acima de tudo, a experiência pessoal. Ele parte do seu gosto particular, adquirido ao longo de suas vivências sexuais, fazendo dessa característica a fundamentadora de todo o texto. O fetiche por pés masculinos sujos e fétidos, desenvolvido ainda na infância, passa a ser o desencadeador das ações vividas por Mattoso.

A partir desse princípio, acredita-se ser possível entender um pouco mais da escrita desse autor tão polêmico e ainda pouco comentado, buscando, no *Manual do Podólatra amador*, a estética criada por Mattoso a partir de seu fetiche por pés.

Para dar início a um possível estudo estético do *Manual*, é necessário descobrir elementos formais que constituem essa obra e levam o autor a construir uma estética singular a partir do gosto.

Até o momento, os principais elementos constituintes da estética do pé sujo podem ser descritos como:

- 1º- A paródia: feita sobre manuais e narrativas de educação sentimental, ela é fundamental na constituição do texto;
- 2º- A intertextualidade: não só como consequência da paródia, mas uma forma de credibilizar seu texto e aproximar o gosto do autor com o de outros autores (a partir das interpretações de Glauco Mattoso);
- 3º- O gosto: surge a partir das humilhações e violências sofridas na infância e adolescência, ligado à sensação de solidão. Tudo isso leva ao fetiche por pés masculinos sujos e mal cheirosos;
- 4º- O cheiro: associado ao castigo/punição e ao mesmo tempo, à liberdade de se aproximar daquilo que comumente causa repulsa;
- 5º- A ironia e o escárnio: acreditamos que entre esses dois aspectos está a escrita de Glauco Mattoso.

A partir da identificação desses elementos podemos então pensar no que seria a “estética do pé sujo”. O estranhamento que este nome causa leva ao riso imediato. Mas quando esse termo entra em contexto na obra de Glauco Mattoso, torna-se provido de significado muito especial.

Em seus mais de 50 títulos publicados, o autor se afirma em uma característica comum: a percepção a partir do gosto. Essa explicitação do fetiche é uma atitude deliberada, portanto impõe a forma de toda a obra. Mattoso usa desta singularidade para caracterizar sua escrita, fazendo dela um lugar comum, capaz de compor, digamos, um modelo único, provindo exclusivamente de suas sensações.

A palavra é sua arma. Através dela, ele consegue provocar o leitor, escarneando a si mesmo e o mundo a fim de ganhar força contra tudo e contra todos. Seguindo, descaradamente temáticas fortes, nomeadas por ele mesmo e por alguns estudiosos como *desumanismo*, Glauco afronta o expectador para que este reflita sobre a condição humana. O poder da palavra é por ele usado como ferramenta de choque, atingindo quem se dispuser a fruí-lo.

Para usufruir desse poder, GM não desvincula o que mais o condiciona: o desejo. Sabe-se que é esse desejo o portal que ultrapassou a barreira da cegueira, já que o autor perdeu a visão aos 40 anos. É o fetiche a distinção geográfica de dois mundos opostos, que leva o fetiche a ser necessário para o pleno e claro reconhecimento dos espaços que se distinguem. Assim o lugar onde se sente o odor do pé sujo é o *lugar sagrado* aonde o autor se realiza cristalinamente por meio do desejo.

Criação estética de Glauco Mattoso, a chamada “estética do pé sujo”, induz o autor a se manter numa única idéia, que desta forma passa a ser mestra de suas criações. A facilitadora natural da criação estética é a arte. Demonstrar sua arte a partir de suas sensações é a fórmula que o artista encontrou para se solidificar em sua concepção particular.

Pensando nisso, acreditamos ser possível aproximar a ação criativa de Glauco Mattoso a uma estética própria: a “estética do pé sujo”. É importante ressaltar que este nome não é aleatório, pois carrega em si a literariedade que contracena com o desejo e a estética, atuando como provocador. A condição risível que o autor fomenta em sua obra depõe a favor do título, já que esse jogo de escárnio sustenta suas palavras.

Mattoso parte de uma ironia fina, capaz de driblar significados, jogando com as imagens capturadas pelo leitor. E nesse processo, a idealização do pé sujo, no contexto mais ultrajante, invade suas palavras e produz o riso. Essa percepção risível, presente no

universo glaucomattosiano, parte de terrenos moralmente excluídos e, por isso, engraçados, mas totalmente embutidos de fortes críticas à humanidade.

É necessário entender a obra de Glauco Mattoso. Mas para que haja fecundidade nesse estudo, torna-se imprescindível desvendar o processo criativo dele. O que o faz um escritor maldito? De onde vem o desejo de expor em literatura aquilo que provém do particular? Pensar as particularidades leva a uma concepção mais plausível, capaz de desvendar aspectos minuciosos, porém, de grande importância na concepção da obra.

Acreditamos que Glauco Mattoso vê o que a visão lhe ocultou. Sua sensibilidade não se esgota em seu fetiche particular, ela ultrapassa as barreiras da emoção pura e inconsciente e vai sendo moldada a partir da razão sensível do autor. Vale lembrar: razão. Essa racionalidade o encaminha a uma construção mais elaborada, premeditada e concebida ao longo de sua erudição.

Referências:

HEGEL, G. W. Friedrich. *Cursos de Estética* (Volume I). Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Edusp, 2001.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. São Paulo, Nova Fronteira: 1988.

MATTOSO, Glauco. *Manual do Podólatra Amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*. 2ª ed. - São Paulo: All Books, 2006.